



Divulgação Científica pelo Repórter Brasil e Jornal da Cultura¹

Davi Lira de MELO²

Isaltina Maria de Azevedo Melo GOMES³

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

A presente pesquisa se propõe a investigar a cobertura de Ciência e Tecnologia em telejornais brasileiros de canais abertos de TVs Públicas brasileiras. Pretende-se avaliar, comparativamente, como se dá a divulgação científica no telejornalismo praticado pelo Repórter Brasil, da TV Brasil e pelo Jornal da Cultura, da TV Cultura de São Paulo. Na investigação são analisados os conteúdos abordados, a linguagem utilizada e os formatos das matérias veiculadas. Tomando por base a Análise do Discurso, observa-se o comportamento discursivo-textual dos relatos jornalísticos. Trinta e duas edições foram analisadas, mapeadas, catalogadas e expostas em forma de tabelas e gráficos ilustrativos. Percebeu-se assim, que, o mantra da Ciência virar pauta apenas quando associada às questões factuais não é absoluto.

PALAVRAS-CHAVE: divulgação científica; jornalismo científico; telejornalismo; TV pública.

INTRODUÇÃO

Fundamentação Teórica

Não é fácil estipular um momento histórico preciso em que se inicia uma troca significativa de informações entre os cientistas e a sociedade. A divulgação se torna uma realidade, apenas quando um público numeroso, diferenciado e curioso, pertencente à aristocracia e à alta burguesia, dispõe-se de tempo e se interessa pela ciência e pelos seus resultados (León, 1999).

Segundo Hernando (1992, p. 92):

O nascimento da divulgação se produz no séculos XVII e XVIII, e só foi possível graças ao abandono do latim como língua do conhecimento, o que

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de junho de 2011.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo do CAC-UFPE (Recife), e Bolsista de Iniciação Científica – PIBIC: UFPE/PROPESQ/CNPq, email: davilira@gmail.com

³ Orientadora do trabalho: Professora do Departamento de Comunicação do Curso de Jornalismo do CAC e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPE - PPGCOM, email: isaltinagomes@gmail.com



permitiu que alguns conhecimentos científicos estivessem disponíveis ao alcance dos profanos.

A Ciência Moderna começa a ganhar corpo e importância na Europa do final do século XVII. Nesse momento, os cientistas tornam-se aliados do Estado, tendo em vista que já era perceptível que seus conhecimentos e inventos poderiam contribuir pela melhoria do comércio, da indústria, da saúde e da arte da guerra.

Mas será o século XIX, o período de apogeu da divulgação científica. É que logo após a época de surgimento da primeira edição da Enciclopédia Francesa, em 1780, compilada por D'Alembert e Diderot, ocorre um processo de busca pela especialização de assuntos e questões. Os Estados promovem incentivos juntos aos cientistas para o desenvolvimento de seus estudos, e para a comunicação dos resultados de suas pesquisas. Surgem assim, as primeiras revistas científicas, e já em 1828, a fundação na Grã Bretanha da Sociedade para a Divulgação do Conhecimento Útil.

Mas, o jornalismo científico vai aparecer quase um século depois, em 1927, nas páginas do The New York Times, com as crônicas de Waldemar Kaempffert (León, 1999). Isso porque, com a sua formação de engenheiro foi possível incluir debates e temáticas científicas que não se relacionavam com a linha adotada naquele período, o momento da imprensa amarela nos Estados Unidos.

Dando um salto para o Brasil atual, é importante ressaltar que a ciência ainda é muito restrita aos ambientes acadêmicos, o que impossibilita a formação de uma cultura científica por parte da população. De acordo com Alberguini (2007), é extremamente relevante para a sociedade ter acesso a esse tipo de conhecimento. “O conhecimento, por parte dos cidadãos, dos processos relacionados à produção científica é essencial para que as pessoas entendam e possam avaliar as conseqüências e repercussões da adoção dessas inovações” (ALBERGUINI, 2007, p.13). Essa ideia é ratificada por Gomes e Salcedo (2005b, p.81):

Cada vez mais, a democratização [socialização] do conhecimento [científico] se faz necessária para que a sociedade saiba dos benefícios e das conseqüências sociais, políticas e econômicas das pesquisas realizadas [impacto social]. Isso só pode ser feito através da divulgação desses conhecimentos entre os cientistas, por meio de publicações especializadas, e para o público de massa, por meio de grande imprensa. (GOMES e SALCEDO, 2005b, p. 81).



Para Zamboni (2001), cabe à divulgação científica a tarefa de exercer a partilha social do saber, levando ao homem comum o conhecimento do qual ele historicamente foi apartado e do qual mantem-se distanciado.

Partindo do pressuposto de que a divulgação do conhecimento científico é algo imprescindível para as sociedades democráticas, a pesquisa realizada pretendeu avaliar a inserção de matérias sobre ciência no telejornalismo brasileiro. Além de verificar se o telejornalismo brasileiro divulga o conhecimento científico, a intenção é entender como a televisão, caracterizada pela simplicidade na maneira, se relaciona com algo tão complexo como o conhecimento científico e como divulga a ciência.

É na televisão, o brasileiro deposita uma importância e centralidade bastante significativa. Essa conclusão foi observada em pesquisa realizada em 2006 pela Agência de Notícias Reuters, da BBC, e dos Media Centre Poll da Globescan. Nela observou-se que 56% dos entrevistados credenciam o telejornal como a principal fonte de informação (VIZEU, 2008).

Os telejornais podem ser considerados como a principal fonte de informação dos acontecimentos cotidianos locais, nacionais e internacionais para a maioria dos brasileiros, conforme atestam outras pesquisas de opinião (FECHINE e LIMA, 2009, p. 272):

Pesquisa realizada pelo Instituto Ipsos, em nove centros urbanos do País, no primeiro trimestre de 2005, levantou que 85% da população utiliza a televisão em busca de notícia. Os resultados não foram muito diferentes ao se considerar a classe econômica dos entrevistados. Segundo o mesmo estudo, 89% das classes A e B e 82% das C, D e E acompanham telejornais.

E nessa direção, Gomes (1995) afirma que no Brasil, o telejornalismo é um dos caminhos mais viáveis para a popularização do conhecimento científico.

No entanto, é importante não perder de vista que apenas a informação não é capaz de gerar compreensão e conscientização do público se princípios básicos da notícia não forem considerados. Para informar com qualidade, é necessário situar o leitor no contexto, no espaço e tempo, na relação do fato com esferas sociais, políticas, econômicas e culturais e, principalmente, aproximá-lo da vida das pessoas, para que haja reflexões e debates a fim de que se forme um senso crítico no público. Por saber que os meios de comunicação têm “função primordial no acesso aos acontecimentos pelas pessoas, é necessário que esses cumpram suas funções informativas, educativas, sócio-histórico-culturais e político-ideológicas” (BUENO, 1984 apud ALBERGUINI, 2007, p. 18).



A televisão, por ser um meio de comunicação simples e atrativo, acaba facilitando a compreensão do telespectador. Mas, nem sempre a mediação do jornalista é capaz de facilitar o diálogo entre cientista e público. Ou seja, nem sempre a cobertura nos assuntos científicos cumpre os preceitos básicos, deixando a notícia sem contexto algum, tornando-a sensacionalista.

Ir além dos limites acadêmicos onde é produzido o saber científico e chegar a um público amplo e majoritariamente leigo é um dos desafios que devem ser enfrentados pelos telejornais brasileiros, quando se trata de divulgar o conhecimento científico.

Os dois telejornais tomados como objetos deste estudo, *Jornal da Cultura* e *Repórter Brasil*, foram escolhidos como representantes da televisão pública nacional, partindo do pressuposto que, por não terem tanto compromisso com grandes conglomerados e por não terem como objetivo principal o lucro, teriam maior preocupação com seu conteúdo. Ao escolher analisar as emissoras públicas, procurou-se perceber se elas realmente apresentam uma missão diferenciada, tendo como prioridade a formação dos telespectadores. A nosso ver, nesse caso, apresentariam preocupação fundamental com a divulgação do conhecimento científico.

Para articular a presente análise, lançamos mão de alguns conceitos utilizados nas teorias da linguagem, como a *Análise do Discurso Francesa (AD)*.

OBJETIVOS

Geral

- Avaliar quantitativamente e qualitativamente o papel da divulgação do conhecimento científico, tomando como base o *Jornal da Cultura* e o *Repórter Brasil*.

Específicos

- Verificar as estratégias discursivas empregadas nas matérias sobre divulgação do conhecimento científico no *Jornal da Cultura* e *Repórter Brasil*.
- Identificar as regularidades discursivas utilizadas para marcar a infalibilidade da ciência nas matérias sobre divulgação do conhecimento científico no *Jornal da Cultura* e *Repórter Brasil*.



- Analisar as estratégias discursivas que criam a imagem de informação científica como sinônimo de verdade nas matérias sobre divulgação do conhecimento científico no Jornal da Cultura e Repórter Brasil.

METODOLOGIA DO TRABALHO

Seleção das Edições e sobre o procedimento da análise dos dados

Para chegar às 32 edições analisadas, foi necessária antes, a gravação de mais de 250 programas de setembro de 2009 até maio de 2010. A seleção foi feita em função dos quatro telejornais analisados na pesquisa “Divulgação científica e telejornalismo brasileiro” (Jornal da Record, Jornal Nacional, Repórter Brasil e Jornal da Cultura). Ou seja, o principal critério de seleção foi a qualidade técnica de gravação dos quatro telejornais em um mesmo dia. Assim, conseguimos formar um *corpus* de 32 edições aleatórias, com ao menos duas edições mensais no período de setembro de 2009 a maio de 2010.

Como já foi mencionado anteriormente, para a realização da análise foram elaborados espelhos, em formato de planilha eletrônica. Essas planilhas apresentam doze colunas descritivas, abarcando todos os relatos jornalísticos do programa de notícias. Nos espelhos, as matérias foram descritas e cronometradas uma a uma. Por uma questão metodológica, tais matérias também foram categorizadas em editorias de uso recorrente pela imprensa (Cotidiano, Economia, Internacional, Política, Cultura, Esporte, Meio Ambiente, Ciência, Segurança, Serviço, Tecnologia & Inovação e Institucional), sempre destacando elementos técnicos e observações de caráter discursivo. Adicionalmente foram criadas tabelas gráficas para melhor observar a preponderância de temáticas, tempos e recursos extras empregados nos relatos.

Tabela – Metodologia da coleta: Quadro resumo informativo sobre a categorização empregada na classificação da notícia

Categoria das Editorias	
Cotidiano	Meio Ambiente
Internacional	Ciência
Economia	Segurança
Política	Serviço



Cultura	Institucional
Esporte	Tecnologia & Inovação

Também foram estabelecidas categorias de tipo de inserção das matérias de divulgação científica:

Categorias de Relatos Científicos das inserções

Pesquisa como foco: o principal da reportagem é a pesquisa em si. Nessa categoria, apesar do resultado ser mais valorizado, também são explicados metodologia e objetivo da pesquisa. Uma característica comum é a aparição do pesquisador na reportagem.

Pesquisa como gancho: a pesquisa científica aparece apenas para suscitar o assunto, como uma espécie de base sustentadora para a matéria, e seus aspectos específicos e detalhes não são explicados.

Pesquisa como coadjuvante: diferentemente da pesquisa como gancho, nessa categoria o assunto não surge no início apenas para ambientar a matéria. Ou seja, matéria trata de um fato qualquer, mas que remete a algum estudo científico.

Encontro Científico: matérias em que o tema central é um encontro (congresso, seminário, feiras, etc) em que sejam expostos e discutidos assuntos relacionados à ciência

Curiosidades: fatos inusitados e peculiares que sejam da seara científica

Detalhamento sobre os Telejornais: Repórter Brasil e Jornal da Cultura

A TV Brasil, como iniciativa federal de implementação de uma rede de televisões públicas, foi implantada em 2008. Possui equipe própria, orçamento público e centro de decisões colegiado, formado por técnicos, dirigentes e membros da sociedade civil. Tem perfil de TV Pública, mesmo possuindo traços de televisão estatal.

Dentro de sua estrutura de programas, reserva espaço considerável para o telejornalismo. O Repórter Brasil é o seu carro-chefe. Possui uma hora de duração diária. Esse telejornal noturno, criado desde 2008, nasceu um pouco desarticulado pela falta de estrutura de correspondentes e afiliadas dentro do território nacional, além de dificuldades de infraestrutura tecnológicas: captação de sinal, falta de link de satélite das emissoras públicas afiliadas, dificuldades de transmissões ao vivo e restrições na utilização de infográfico. O Diretor Executivo de Jornalismo da Empresa Brasileira de



Comunicação (controladora da TV Brasil), em entrevista concedida por e-mail em 2009, fala um pouco sobre essa questão:

Escolhemos o material que as emissoras públicas afiliadas optam ou conseguem mandar (poucas equipes, equipamento precário, foco no jornal local, dificuldades na geração - muitas não tem sequer ligação com a Embratel).

No entanto, esse cenário vem sofrendo modificações. Desde o final de 2009, o telejornal passou por um processo de mudanças. Cenografia, formato, adesão de emissoras locais, e utilização de quadros interativos, com utilização de grafismos.

A noção de jornalismo público de qualidade, centro de ação editorial do veículo, sugere alguns questionamentos quando são envolvidas as questões da relevância e do enfoque da notícia de ciência divulgada em seu telejornal, principalmente quando observado o entendimento do Diretor Executivo Eduardo Castro, entrevistado por e-mail, quanto a esse ponto:

Temas científicos e assemelhados estão sempre no nosso radar. E também no de muitas de nossas emissoras parceiras, como, por exemplo, as universitárias. Não é possível levantar uma estatística sobre o tema, pois é difícil "separá-lo jornalisticamente.

O Jornal da Cultura também passou por um processo de repaginação semelhante ao Repórter Brasil. Deu-se em março de 2010. Formatos mais delineados e conteúdos mais aprofundados. A idéia de jornalismo público nessa emissora paulista foi a base dessa reestruturação. Questões de cidadania e meio ambiente ganharam destaque. No entanto o mais interessantes nessa nova guinada do Jornal da Cultura a definição clara de uma temática a ser abordada diariamente na sua programação: a do conhecimento, composta por notícias e reportagens de educação, tecnologia e ciência.

Dessa forma, observa-se que com a catalogação e quantificação desse material jornalístico, divulgado diariamente por essas emissoras públicas, através de seus telejornais noturnos, especificamente no que se refere à veiculação da notícia de ciência, será possível melhor analisar o processo de construção desse arcabouço de divulgação científica, ora aleatório, ora premeditado.

RESULTADOS PARCIAIS

Repórter Brasil – números e análise



Nas 32 edições do Repórter Brasil analisadas, foram encontradas 13 matérias sobre ciência, dentro de um total de notícias (relatos jornalísticos) de 812. Esse número corresponde a apenas 2% do conteúdo jornalístico veiculado pelo telejornal, que reproduziu quase 25 minutos de informações sobre Ciência.

Nesta investigação foram observadas mais de 32 horas de telejornal (a duração total de uma edição é 1 hora). A duração líquida, no entanto, excluindo os efeitos de Arte, escalada, abertura, vinheta, fala povo, break comercial, encerramento, de todo o corpus, ficou em 24 horas de vídeo.

No entanto, de forma mais relativa, observou-se que das 32 edições investigadas: 11 (34%) tinham notícias de ciência, todas sendo reportagens - VT's. Não foram contabilizadas nenhum outro tipo de inserção: nota pelada, coberta, entrada ao vivo, standy up que tivessem vinculação com a temática de Ciência.

Outro dado interessante observado é que o telejornal, que é dividido em quatro blocos com tempo médio de 13 minutos, sendo o primeiro de maior duração, reserva a Ciência majoritariamente para o último bloco, o espaço que é bastante compartilhando com as editorias suportes: Esportes e Cultura: 38% das notícias de ciência foram veiculadas no último bloco do Repórter Brasil. Além disso, com a catalogação dos dados em planilha identificou-se que as quarta-feiras e quintas-feiras são os dias de maior quantidade de matérias de de cunho científico (54% das reportagens se concentram nesses dois dias).

A Ciência alcança o 8º lugar em quantidade de matérias e tempo em vídeo (são 12 categorias). Ela representa aproximadamente 2% do que é o jornal.

Repórter Brasil: uma análise discursiva

Ao analisar as matérias sobre ciência no Repórter Brasil, um aspecto observado foi a postura do jornalista, ocupando conscientemente o lugar de falar de mediador entre o cientista e telespectador. Demonstrando conhecimento preciso dos dados, o seu registro antecipa falas de pesquisadores. Percebe-se, também, outra característica importante: a imagem que o jornalista faz do pesquisador é de uma pessoa responsável, com formação e o poder de gerar reflexões pertinentes. É o “ethos” do pesquisador se consolidando nas matérias desse gênero de discurso, fortalecendo a função pedagógica do telejornal já cristalizada no telespectador.

Na matéria veiculada no dia 16 de setembro de 2009, por exemplo, focada em uma pesquisa da Universidade de São Paulo (USP) sobre a utilização de drogas pelos



caminhoneiros para lidar com a sobrecarga do trabalho, foram utilizados infográficos com o mapa do Brasil, para representar as longas jornadas pelas quais esses profissionais são submetidos. Essa busca por uma pedagogização da matéria de Ciência foi fortalecida pela presença da pesquisadora líder, em seu laboratório, mesmo que de certo ponto “fantochizada” (vestindo uma bata, diante dos instrumentos laboratoriais para fazer um simples registro de poucos segundos). Ela surge apenas para afirmar o que já foi antecipado pela repórter: “Os próprios caminhoneiros já sabem, depois do efeito da droga, ele vai ficar com mais sono ainda”. Outro detalhe observado é que a única informação trazida da pesquisa pela reportagem é que 2% dos 308 caminhoneiros pesquisados utilizam cocaína para ficar desperto (esse foi a parte metodológica e de resultado final apresentada pela profissional).

A encenação (MAINGUENEAU, 2006) – a pesquisadora em laboratório usando a bata – é construída para dar credibilidade à informação. Nessa mesma matéria, verifica-se ainda que a imagem do pesquisador é de uma pessoa responsável. Ou seja, vê-se “ethos” do pesquisador se consolidando ao longo da matéria. Por fim, percebe-se que a pesquisa em si é mostrada de forma de alerta, ao focar em seu término, nos riscos da utilização das drogas.

Já na reportagem veiculada no dia 5 de novembro de 2009, tem-se a pesquisa como coadjuvante (a matéria trata de um fato qualquer, mas que remete a algum estudo científico). Nesse caso o fato central é o debate para encontrar meios de combater a fome na África, através de melhoria da agricultura de alimentos. O encontro, que ocorreu no Peru, foi transformado em notícia e transmitido pelo Repórter Brasil, através do foco na batata doce como matéria central do combate a fome. Não foram enviados repórteres da emissora. A matéria se encontrou em imagens de discussões em grandes salões, depois no registro de especialista em herbácea em imagens, sem registro de fala. O depoimento foi totalmente apropriado pelo repórter em off. Para melhor facilitar a nova forma de cultivo da batata recorreu-se a outra imagem, agora a de batatas suspensas na área de plantio.

Nessa reportagem, foram observados pontos que acabam corroborando para o entendimento que a Ciência é dura, e é de difícil compreensão. Não houve qualquer tipo de ambientação para a enunciação, o que além de conferir credibilidade poderia ajudar a compreensão. Não foram utilizados elementos extras que melhorassem o entendimento, como infográficos. A fala do especialista não foi devidamente trabalhada, não houve

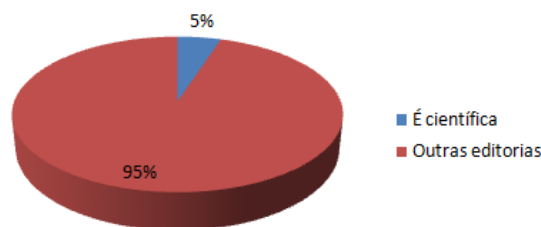
intermediação repórter-especialista. A fala foi coletada por meio de agências internacionais.

Dessa forma, viu-se que faltou na matéria uma maior aproximação do tema com a vida do público-alvo e da agroindústria brasileira. Faltaram vínculos e comparações mais didáticas. Apenas o discurso do profissional, meio truncado, por sinal, foi usado, para dar mais credibilidade às imagens que eram intercaladas para o telespectador. Dessa forma, a matéria pendeu para algo que Bueno (2007) classifica como *síndrome lattes*; quando o discurso do especialista ou da autoridade é representado como algo superior e único.

Jornal da Cultura – números e análise

Nas 32 edições do Jornal da Cultura analisadas, foram encontradas 17 matérias de divulgação científica, somando pouco mais de 1h, que representam cerca de 4,7% de todas 32 edições do telejornal, que somam o total de 21 horas de duração, incluindo intervalos, vinhetas, chamadas e encerramento.

Gráfico – Jornal da Cultura: Percentual por editoria pela quantidade total de notícias (relatos jornalísticos)



Ao estudar mais atentamente as inserções de matérias de divulgação científica, é possível observar em quais categorias elas se encaixam e o que isso representa. De um total de 17 inserções, seis delas estavam mostrando apenas *Curiosidades* do mundo científico, como o fato do Planeta Marte estar cada vez mais próximo da Terra ou de cientistas que querem reconstituir os genes de Leonardo da Vinci. Nesse caso, essas matérias não serviram para esclarecer ou formar uma cultura científica do telespectador. Serviram apenas como entretenimento.

A *Pesquisa como gancho* teve três inserções. Mesmo que elas não explicassem a fundo o funcionamento do método científico, mostrando metodologia e outras partes essenciais, esse tipo de matéria costuma conectar a ciência à vida cotidiana do telespectador. Por exemplo, ao apresentar uma pesquisa que desenvolve sensores



eletrônicos para funcionar no lugar do coração, a matéria apresenta pessoas que tenham problemas cardíacos e que irão se beneficiar com os resultados da pesquisa. Na pesquisa como coadjuvante, acontece algo muito semelhante. É preciso também levar em consideração que foram excluídas da análise todas as matérias que estivessem tratando estritamente de inovações tecnológicas e lançamento desses tipos de produto.

Quando se parte para análise mais detalhada das matérias, percebemos que a maioria delas está atrelada à área da Saúde, como no desenvolvimento de tratamento para doenças ou na descoberta de novos medicamentos. Isso se dá pelo fato do assunto ser de extremo interesse para a vida das pessoas.

Jornal da Cultura: uma análise discursiva

Por mais simples, claro e didático que possa vir a ser o discurso presente no gênero telejornalístico, a compreensão de temas científicos se torna mais fácil quando associada a outras informações, de preferência da vida cotidiana do indivíduo. No entanto, o que se percebe na linha desse telejornal é que por vezes apenas o discurso do profissional é utilizado para ilustrar a matéria jornalística, buscando, talvez, dar mais seriedade e credibilidade às explicações. Dessa forma, corre-se o risco de pender para algo que Bueno (2007) classifica como *síndrome lattes*; quando o discurso do especialista ou da autoridade é representado como algo superior e inquestionável e se sobrepõe às demais vozes da reportagem. Tais vozes por vezes se constroem num ambiente monofônico, ou seja, sem a presença de vozes equípolentes que emitam enunciados diferentes, que contraponham o discurso do cientista, quase sempre preponderante.

Uma das matérias sobre ciência analisadas foi ao ar no dia 16 de setembro de 2009 e teve 1 minuto e 59 segundos de duração. A reportagem tratava de uma pesquisa inédita desenvolvida por pesquisadores da Unicamp, que poderia abrir novas perspectivas ao tratamento do câncer. Por ser bastante completa e explorar a pesquisa em si, com sua metodologia e resultados parciais, foi classificada como *Pesquisa como Foco*.

A reportagem começa com imagens de pessoas de bata trabalhando em um laboratório com microscópios e outros instrumentos. Aqui se percebe a presença do conceito de encenação ou cenário utilizado na AD (MAIGUENEAU; CHARAUDEAU, 2006). Ao mostrar cientistas trabalhando em um laboratório, cria-se a



metáfora teatral para o telespectador, passando uma idéia de contextualização e de confiança no que está sendo dito.

Logo depois, o repórter começa a explicar, em off (voz gravada sem a imagem do repórter.) qual é a verdadeira inovação que essa pesquisa traz para o tratamento do câncer. A linguagem utilizada é clara e sem muitos termos técnicos. O jornalista, nesse ponto, forma a sua imagem para o telespectador: ele está ali para aprender com o cientista e ensinar ao público.

Ao longo da reportagem, são entrevistados os pesquisadores responsáveis, que explicam a metodologia e os avanços alcançados. A imagem construída pelo jornalista faz do pesquisador que conhece mais do que a maioria (na Análise de Discurso, essa construção da imagem também é conhecida como “ethos”) e a pesquisa é mostrada de forma positiva, com a intenção de dar esperança ao telespectador.

Algo que faz falta na matéria é a aproximação do tema com a vida do público-alvo. Todas as imagens são feitas dentro do laboratório e são ouvidos apenas profissionais da ciência e o jornalista. Como os resultados da pesquisa ainda não foram concluídos, não se mostra a aplicabilidade da mesma no cotidiano do cidadão.

Outra matéria analisada também teve 1 minuto e 59 segundos de duração e foi exibida no dia 5 de outubro de 2009. A reportagem fala sobre os três vencedores do Prêmio Nobel de Medicina, que identificaram mecanismos de proteção dos cromossomos. A matéria foi classificada como *Pesquisa como Coadjuvante*, porque ela aparece como um assunto vinculado à premiação do Nobel. No entanto, o termo “coadjuvante” não significa que ela tenha ficado em segundo plano na reportagem.

Um dado importante de se notar é que em ambas as matérias, a pesquisa foi mostrada de forma positiva e esperançosa. O discurso dos pesquisadores foi sempre enaltecido e repetido pelos jornalistas, sem nenhuma contestação. A ciência foi passada, no telejornal, como uma verdade absoluta, por ser fruto de métodos científicos supostamente objetivos.

CONCLUSÕES

O telejornal Repórter Brasil, que possui somente dois anos de criação possui uma proposta firme de jornalismo público, voltado para a diversidade, mas reproduz fórmulas já conhecidas em sua programação. Por possuir pontos centrais de produção no Rio de Janeiro, Brasília e São Paulo, além de obter espaços reservados na cobertura governamental no Exterior as temáticas abordadas não poderiam ser diferentes. Mesmo



a Editoria "Cotidiano" sendo a mais representativa, o eixo Política, Economia e Internacional representam cerca de 47% do total de temáticas jornalísticas apresentadas no telejornal.

É importante destacar o sobressalto observado em "Cotidiano", pois foram analisados cerca de 5 das 13 edições selecionadas, focadas quase que exclusivamente nas enchentes que assolaram o Rio de Janeiro no primeiro semestre de 2010, em abril.

Outro espaço do jornal, em duas edições (12 e 13 de fevereiro) que poderia ser dedicado a outro tipo de cobertura foi reservado à sua quase totalidade aos festejos nacionais do Carnaval.

No outro espectro, algo que é interessante de se notar é a grade de matérias do Jornal da Cultura, foi o valor dado às matérias de Meio ambiente. O grande número de inserções dessa Editoria. O fato de esse tema se sobrepôr a assuntos relacionados à política e à economia mostra certo diferencial na linha editorial do Jornal da Cultura em relação a telejornais de emissoras comerciais.

Ao avaliar as outras editorias, percebe-se uma grande quantidade de matérias internacionais e sobre esportes. Isso ocorre porque a equipe de jornalismo do Jornal da Cultura tem certas lacunas e poucas vezes disponibiliza material e profissionais para outros lugares do Brasil. Como as matérias de esportes e internacionais possuem imagens de agências nacionais e internacionais disponibilizadas com maior facilidade, essas editorias acabam aparecendo mais no telejornal.

Esse fator também é muito perceptível nas matérias de divulgação científica. Em praticamente 100% dos casos, as pesquisas e estudos nacionais apresentados estavam sendo realizados em São Paulo e todas as fontes e personagens – incluindo, é claro, os pesquisadores – eram representantes desse estado. Porém, um fato positivo de se notar: a maioria das inserções de ciência terem sido de *Curiosidades* é consequência do grande uso que esse telejornal faz de imagens de agências internacionais.

Observa-se que a Ciência vira pauta, quando associada às questões factuais, com poucas exceções. Essa foi uma das assertivas, tida como mantra, logo no início da pesquisa. Mas que parece não ser efetivamente absoluta em uma análise mais técnica.

Algo importante de se observar nos dois telejornais é a conotação estritamente positiva que a ciência apresenta. Quer dizer, em raros casos o jornalista duvida ou questiona os resultados ou os próprios métodos científicos. Ele aparece sempre para corroborar o que o pesquisador está dizendo. É o imperativo do discurso científico, um



discurso constituinte. De acordo com Maingueneau (2006, p. 34), os discursos constituintes:

possuem, assim, um estatuto singular: zonas de fala em meio a outras e falas que pretendem ponderar sobre todas as outras. [...] Junto com eles vêm à tona, em toda sua acuidade, as questões relativas ao carisma, à Encarnação, à delegação do Absoluto: para não se autorizarem apenas por si mesmos, devem aparecer como ligados a uma Fonte legitimadora.

Outro aspecto também importante é a “encenação” que um repórter de televisão faz ao indicar ao cientista convidado a participar de uma matéria que ele se sente em frente a seus livros, diante do computador ou finja usar o microscópio no momento da captação das imagens.

(...) a leitura de muitos textos que não pertencem ao nosso ambiente cultural (no tempo e no espaço) é freqüentemente dificultada não pelas lacunas graves de nosso saber enciclopédico, mas porque se perdem os ethos que sustentavam tacitamente sua enunciação (MAINGUENEAU, 2006, p 281).

Observa-se, no caso do Repórter Brasil, a idéia de que o telejornal mesmo tendo o seu dever social, tem de lutar para sobreviver num mercado cada vez mais competitivo (GOMES, 2000). Interessante perceber que a ótica do telejornalismo público, se não foca o mercado publicitário, baseia-se extensivamente no modelo de cobertura factual das TV's Comerciais, mesmo com certos aspectos diferenciadores. Extensão de pauta, inclusão de atores pouco visíveis na televisão e abertura à participação e discussão mais democrática seriam alguns desses aspectos vistos no Repórter Brasil.

Outras questões de relevância ao jornalismo público não puderam ser observadas de forma ampla, quando identificado a priorização de editorias e a localização geográfica das centrais de telejornalismo dos citados programas, conforme elenca Gomes (2000, p. 128):

De maneira geral, a programação das emissoras públicas dá prioridade à divulgação do conhecimento, da educação, da cultura e do lazer. Seus telejornais buscam promover um jornalismo voltado à promoção da cidadania, respeitando-a através da divulgação de notícias pluralistas, informativas e pedagógicas, do incentivo ao debate e da manutenção de um canal de comunicação com o público.

Notou-se, no entanto, a presença de alguma preocupação com a função didática do jornalismo, que utiliza recursos visuais e linguagem clara e acessível, explicando os termos mais específicos.

Esse caráter cidadão do jornalismo foi transformado em um discurso que o fez ter relevância diante da sociedade, embora nem sempre a prática seja tal qual



nos diz a teoria. Assim, de forma segmentada, algumas especialidades de fazer jornalismo começaram a defender e atualizar esse discurso, adequando-o aos seus modos de fazer e pensar a atividade. O Jornalismo Científico e o Ambiental são exemplos disso. (GIRARDI, 2009 *apud* VICTOR, 2009, p.96)

O interessante, no entanto, não é que se divulgue mais o conhecimento científico especializado, para os já interessados; mas sim que se incluam questões científicas naturalmente na grande mídia para a construção de uma cultura científica que possa gerar uma futura ação no público. Sendo assim, o jornalismo estará cumprindo sua função de formação de consciência crítica e transformando o leitor em um cidadão ativo e contextualizado com os temas atuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERGUINI, A. C. **A Ciência nos Telejornais Brasileiros - o papel educativo e a compreensão pública das matérias de CT&I.** Universidade Metodista de São Paulo: São Bernardo do Campo, 2007.
- ANDRADE, L. V. B. **Ciência na televisão: espaços cada vez mais escassos.** Em Formação. V.1. 2006. Disponível em: <<http://www.emformacao.bioqmed.ufjf.br/01/conexoes.htm>>. Acesso em ago. 2007
- ANDRADE, L. V. B. **Iguarias na hora do jantar: o espaço da ciência no telejornalismo diário.** Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2004.
- BOURDIEU, P. **Sobre a televisão.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave.** São Paulo: Contexto, 2008.
- CHARAUDEAU, P; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso.** São Paulo: Contexto, 2006.
- EPSTEIN, I. **Divulgação Científica: 96 verbetes.** Campinas, Pontes. 2002.
- FECHINE, Yvana; LIMA, Luisa Abreu e. **Por uma sintaxe do telejornal: uma proposta de ensino.** Revista Galáxia, São Paulo, n. 18, p.271-283, dez. 2009.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução ao Pensamento de Bakhtin.** São Paulo: Ática. 2006.
- GOMES, I. M. A. M. **Dos laboratórios aos jornais: um estudo sobre jornalismo científico.** Dissertação de Mestrado. Recife: UFPE, 1995.
- GOMES, I. M. A. M.; SALCEDO, D. A. **A divulgação da informação científica no Jornal do Comercio.** Icone, Recife [PE]: UFPE, 2005, v. 1., n. 8., dez. 2005b, p. 80-88.
- HERNANDO, M. C. **Periodismo Científico.** Madrid: Paraninfo, 1992.
- LEÓN, B. **El documental de divulgación científica.** Barcelona: Paidós Ibérica, 1999.
- LOBATO, V. **TV pública pode democratizar informação.** Portal Aprendiz. Disponível em: <<http://aprendiz.uol.com.br/content/kecrefepu.mmp>>. Acessado em: novembro de 2009.
- MAINGUENEAU, D. **Cenas da enunciação.** Curitiba, Criar Edições, 2006.
- NEIVA, Á. **Descaminhos da TV Pública. Observatório da Imprensa.** Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=478TVQ003>. Acessado em: novembro de 2009
- OLIVEIRA, F. **Jornalismo Científico.** São Paulo: Contexto, 2002.
- SOUSA, C. M. (org.). **Comunicação, ciência e sociedade: diálogos de fronteira.** Taubaté: Cabral Editora, 2004.
- VIZEU, A. E. **A sociedade do telejornalismo.** Petrópolis: Voze, 2008.
- ZAMBONI, L. M. S.. **Cientistas, Jornalistas e Divulgação Científica – subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica.** Campinas: Autores Associados, 2001.